

Metamorfoses de parentalidade¹

Julia Kristeva², Paris

Resumo: A autora afirma que não pretende substituir o paradigma do “assassinato do pai” ou o “cristocentrismo” do “pai morto”, que nos deixaria apenas um nome ou um princípio, mas sugere repensá-lo através do paradigma da “cena primal” e, assim, considerar os impactos da parentalidade na construção das psicosssexualidades contemporâneas. Refere que se continuamos a afirmar que somos analistas freudianos, o reconhecimento da diferença sexual deve ser a pedra de toque de nossa experiência; o “princípio” paterno inscreve-se na inicial da cena primitiva “no auge da procriação”; a terciária estruturante sustenta a unidade do sujeito falante com sua capacidade de linguagem e pensamento; o Um se espalha e se refaz continuamente no “multiverso” pós-moderno.

Palavras-Chaves: cena primal, parentalidade, psicosssexualidades, psicanálise.

O sintoma francês

Surpreso e desestabilizado pela decisão precipitada de uma lei sobre o casamento para todos, o corpo social reage: suas vozes erguem-se nas arquibancadas ou nas ruas, esperanças e desespero, risos e fúria. Seria uma exceção francesa, enquanto outras nações - sábias ou resignadas - evoluem e se adaptam? As paixões francesas, tão ardentes como demonstraram no curso de sua história, são aqui tocadas até a borda. Uma mudança sem precedentes está tomando forma, imposta à filiação pela ascensão da ciência e da tecnologia (mais amplamente disponível nas democracias da Europa e dos Estados Unidos) e pela secularização (em nenhum lugar tão radical quanto na França). O domínio da fertilidade feminina leva, necessariamente, a uma separação definitiva entre sexualidade e procriação e, com

1. Tradução para o português: Adalberto A. Goulart.

2. Membro Titular e Psicanalista Didata da Sociedade Psicanalítica de Paris.

ela, o controle da natalidade, a PMA (Procriação Medicamente Assistida), a GPA (barriga de aluguel), o congelamento de embriões e óvulos, e prossegue. “Nem Deus nem Mestre”, abrindo para uma vida onde nada é proibido, é, portanto, impossível parar ou impedir as revoluções que são lançadas em laboratórios sem fronteiras. Todo mundo sabe disso. A questão não é mais essa. Além disso, enquanto a jurisprudência administra a “situação”, o sintoma francês - desproporcional, entusiástico ou ansioso - se pergunta - onde estamos com o humano? Em face do mundo surpreso, indiferente, que não pede tanto ... por agora.

Claro, a família não é mais a mesma: decomposta, recomposta, monoparental, agora homossexual. No entanto, é a partir da heteroparentalidade, concebida através do modelo dos vínculos biológicos, que tentamos pensar e acompanhar os movimentos e mudanças na parentalidade. O que sabemos sobre ela? Ou, mais exatamente, sabemos o que está sendo dito, quando dizemos que somos pais, quando ouvimos e nos tornamos isso? Qual desejo, em que memória, em que história vivemos, nos escapam e nos transmitem nessa experiência que parece óbvia?

Ao atribuir as transformações da procriação e das famílias apenas ao “progresso” científico e social, condenamo-nos a uma aceitação reivindicada ou resignada (“é assim que o mundo muda”) e à compaixão (“todos tem o direito de amar”), quando não a aplicação “simples” do princípio da igualdade (direito expandido às instituições, em nome dos “Direitos Humanos”, acredita-se). Por que não voltar no tempo a raça humana, como a etnologia, a antropologia e a psicanálise nos convidam a fazer? Para além do sintoma, estas disciplinas propõem auscultar o advento e reler a história da parentalidade (experiências do pai e da mãe no homem e na mulher), uma história feita de afetos e valores oscilantes. Constantemente entre instabilidade e emergência. Esta memória é sedimentada nos costumes atuais, de modo que cada um dos dois campos opostos (o “antigo” e o “moderno”) atuou reivindicações - para escolher - algumas capitais e indispensáveis componentes deste princípio da paternidade que foram caracterizados desde os tempos pré-históricos. Podemos chamá-lo de “emergente princípio da

paternidade”, porque está aberto para o meio ambiente, mas não podemos ignorar o estado anterior da sociedade - o passado está registrado nele e o seu surgimento depende da antecipação para cumprir a si mesmo, partindo de si mesmo. Depois da legislatura, os biólogos unidos a ginecologistas, sociólogos, psicanalistas e outros especialistas em família, terão a difícil tarefa de identificar as diferentes facetas deste país continuamente emergente, e harmonizá-las a fim de passar da “igualdade para todos” a este multiverso de singularidades que são agora as famílias - e que também reside em cada um de nós.

Sem isolar o paterno do materno, é aconselhável ouvir o próprio paterno, desde o início entre a parentalidade: a terceiridade se aplica ao paterno, já que há um pai e uma mãe.

Discutirei brevemente duas linhas de introdução às lógicas e abismos da parentalidade, como inseparáveis da hominização:

1. A passagem da horda primitiva para a família, pressupõe a instalação do homoerotismo no coração do laço social e, portanto, do paterno também, como confirmam as mudanças sociais atuais;

2. O paterno não desconsidera a organização genital da libido (como sugerem algumas teorizações nominalistas do paterno). A heterossexualidade (no sentido de uma psiquização da genitalidade e da diferença sexual, incluindo a bissexualidade psíquica, e no sentido de sua inclusão no pacto social) é uma aquisição tardia, frágil e permanece até hoje problemática. Por excelência, e isso para todos nós: na parentalidade, é claro, e mais amplamente no próprio laço social.

Uma fábula teórica

Ao explorar as estruturas básicas de parentesco, Claude Lévi-Strauss descobre, através de múltiplas variantes, uma lógica fundamental das sociedades matrilineares e patrilineares: os homens trocam as mulheres.

Por outro lado, Sigmund Freud, bem conhecido e atacado por seus conceitos (o inconsciente, o Édipo, etc.), pensa por ficções teóricas e exagera (“a psicanálise não fala a verdade quando exagera”, Adorno) para melhor tocar seus leitores: ele fala sobre o excesso vergonhoso dos sonhos, dos mitos e da literatura. Assim, sondando casamento e família, ele escreveu o romance da horda primitiva. Por minha vez, insiro nessa fábula freudiana em minha ficção teórica, para tentar tocar o que me parece participar de um casamento não dito em geral e do casamento para todos em particular.

Isso ocorre porque os irmãos frustrados mataram o pai da horda primitiva (o pai, que era dono de todas as mulheres - e todos os homens?) e num momento crucial do processo de hominização, de repente algo se difere e move o desejo do macho reprodutor (o líder da “horda”, que ainda não é uma “família”) na atração/sedução dirigida ao... outro eu, meu irmão, meu semelhante. O homoerotismo nasceu com a erotização do semelhante (a mesmice), conseguindo triunfar sobre o desejo do pai e para o pai e, assim, inibindo a cobiça sexual dos machos, dando um sentido psíquico à pulsão (S.Ferenczi [1]). Graças à apropriação identitária das qualidades emprestadas ao objeto do mesmo sexo, o homoerotismo empurra o investimento libidinal para a descoberta do objeto. Porque, ao contrário do “duplo narcisista”, o homoerotismo idealiza projeções do outro e participa da descoberta do outro pelo eu. As religiões, notadamente as monoteístas, mantêm e celebram este homoerotismo: Abraão não consome Isaac depois de ter sido “tentado”, Jesus juntou-se ao seu pai, e os fiéis consomem o pai na Eucaristia ...

Assim constituído em “si mesmo”, irmão entre os irmãos, sob suas turbulências, o menino pode procurar um “objeto” heteroerótico, uma mulher, e isso cada vez mais fora do seu clã. Pois, tendo internalizado psiquicamente a interdição do pai morto, o irmão homoerótico impõe a primeira das leis, a proibição do incesto, que desvia as mulheres de seu próprio clã, direcionando-as para estrangeiros - menos propensos a desejos infantis do que as fêmeas do mesmo sangue. Esta paternidade com troca dos irmãos, que combina a atração biológica que os homens sentem em

relação a fêmeas de outros com o gozo do momento, gradualmente evolui para uma corrente mais atual: a negação da satisfação imediata atenua as paixões e vemos então uma cultura emergir com seus descendentes, linhagens exógamas, técnicas e conhecimentos a serem transmitidos. Mas ainda são as tendências homoeróticas e suas representações homossexuais que constituem “a contribuição do erotismo à amizade, camaradagem, ao amor do humano em geral”. “(Freud) [2].

Quando o cimento da cultura se destaca da espécie, o homoerotismo sobrevive nas “grandes massas artificiais que são as igrejas e o exército (...), a coesão das massas (...) não é diferenciada de acordo com o sexo e ignora completamente a organização genital da libido “[3]. Vamos entender: em sua função de núcleo social e transmissão de imperativos sociais, a família não tem escolha senão negar a genitalidade (a Igreja condenou a “concupiscência”), enquanto a pratica para garantir os descendentes; pretende-se abrigar por um tempo o sono do homoerotismo, para que desperte no espaço social dos irmãos. Quanto a questão de gênero - troca de objeto, reprodução e meio de satisfação - parece estar a meio caminho entre, por um lado, o homoerotismo (masculino e feminino) e por outro, a heterogeneidade. Isso não reside apenas na descoberta de um “objeto” distinto do “sujeito”, ou “outro” como todos os outros que não são eu. A heterogeneidade que eu destaco aqui é o que se convencionou chamar na modernidade de “diferença sexual”.

Do homoerotismo à diferença sexual

Demorou milênios para a família, como uma aliança entre duas pessoas de diferentes sexos, ser pensada e reivindicada por homens e mulheres. Isso envolve a introdução do amor no espaço familiar: depois do “amor platônico”, do verdadeiro e do belo que sublima a homossexualidade grega, o Cântico dos Cânticos dos Hebreus promove a palavra do amante sulamita, que anseia por seu pastor rei, antes que a literatura da corte (enxertada com influências taoístas, ao que parece, pelos muçulmanos árabes) abrisse o caminho para a grande literatura do amor cristão,

libertino, moderno e pós-moderno. Também se afirma, no longo processo de libertação das mulheres, inicialmente baseado na recusa da família e da maternidade, antes de reconhecer a estas um erotismo específico, na dependência da amante tornar-se mãe com este primeiro outro, a criança, na encruzilhada da biologia e do significado.

O casal heterossexual, casado, continua a fascinar o imaginário. Não só o casamento como instituição o normaliza, mas o que dizer dessas “novelas” americanas, que nos impõem esse modelo até se tornar nauseante. É enigmático, escandaloso e, portanto, desejável, lembrando a todos do acasalamento entre pai e mãe, a impensável “origyne” da origem? Ou é o amor do homem e da mulher que fascina o imaginário? Esta intimidade entre dois incomensuráveis que “rompe o elo de massa próprio da raça e da comunidade”, “à partição na nação e à organização em classe da sociedade, realiza operações culturalmente importantes” [4]? “Parece certo que o amor homossexual /homoerotismo concilia-se muito melhor com os laços de massa, mesmo quando isso ocorre como uma tendência sexual desinibida; fato notável, cuja elucidação não estaria muito longe “[5]. Ou ainda: “A origem homossexual do que constitui a maior parte da civilização é bastante óbvia, já que nossos sentimentos sociais são também de natureza homossexual (é a mulher que torna o homem social)” [6].

A linguística parece corroborar a fábula teórica freudiana. No mundo indo-europeu, e de acordo com as “estruturas elementares de parentesco” de Claude Lévi-Strauss, o termo “casamento” corresponde à aliança entre os homens [7]. O homem conquistador e trocador faz um pacto com o outro homem, levando sua esposa (irmã ou filha): *maritare* (em latim) significa “combinar”, “conjuguar”; mas *marya* (em iraniano) significa um rapaz ansioso, feroz e guerreiro destrutivo. A condição da mãe, que se chama *matrimônio* e significa que a mulher “foi levada” ou “tomada” pelo homem, e destinada à procriação (isto é, ser mãe do filho do homem) aparece apenas mais tarde na lei romana; e acaba confundindo com *maritare*, sem ter nada em comum com esse termo. O significado do casamento é modificado a partir de então: não mais reduzido ao seu único papel de

aliança social entre os homens, torna-se o instrumento de procriação, cujo mestre permanece o pai-homem, enquanto a mãe é apenas a trabalhadora, ou melhor, a serva ou mesmo a escrava.

Por outro lado, o ideograma chinês which xing, que significa “nome de família”, é composto do pictograma 女 nǚ - mulher, à esquerda do complexo fônico 生 shēng - crescer, nascer, vida. Ao contrário do nome do pai no Ocidente, o nome da família chinesa é o da mãe-mulher, literalmente: nascido da mulher. O nome da família chinesa era originalmente o nome do clã matrilinear, um nome feminino - um remanescente da família matrilinear. Assim, os oito grandes nomes da alta antiguidade patriarcal confucionista chinesa incluíam o pictograma 女 nǚ, mulher (que não impede o homem confuciano de dobrar os pés das mulheres, tortura indefectível).

As sociedades matrilineares parecem, portanto, mais respeitadoras dessa função conjugal procriadora. No entanto, até mesmo as deusas-mães são hoje interpretadas como próteses dedicadas ao serviço do poder fálico, como emanção e suporte da soberania dos irmãos. Então surge Sarah, a estéril, depois fecundada pelo Criador, e que a inteligência sensorial da Virgem (“tábula intelectual”, quando o teólogo “filosofa com Maria”) ofereceu-lhe um filho por “reprodução assistida espiritualmente” (Sollers), de modo que o papel da mãe - sempre “prisioneiro” (nekeva em hebraico) da ordem paterna - é reconhecido (mas sob a proteção da negação do sexo) e celebrado por laços sociais na sua especificidade carnal evasiva e cultural. Centro esvaziado “apenas de seu sexo”, núcleo em torno do qual a roda da Trindade e da família gravita. Maria, a Mãe, é outro nome da Igreja que se tornará o “corpus mysticum” dos católicos. Enquanto o fruto de suas entranhas, o menino Jesus, encarnação do divino no humano, oferece aos fiéis o propósito da existência por dois mil anos. É o nascimento do humanismo cristão, longo caminho para se alcançar ... os direitos da criança.

O feminismo revolucionou esse enquadramento sutil da mãe, reconhecida e glorificada, deixa de negar a genitalidade da amante e, às vezes, denuncia na maternidade uma escravização masoquista ao falo. Mas o

desejo por uma criança não se esgota e o chamado feminismo diferencialista introduz, nas democracias avançadas, as aspirações à igualdade, pela coragem das mães, elas mesmas que não desconhecem o erotismo de amantes.

O casamento para todos e a procriação assistida, que se seguirá por bem ou por mal, abolirá a memória da paternidade e, com ela, a da humanidade “tradicional”? As demandas dos casais homossexuais e o uso de artifícios procriativos reprimem o homossexualismo, põem em prática o desejo de autogeração envolvendo o parricídio e o matricídio, e revelam a fragilidade do vínculo heterossexual. Esse retorno do reprimido revela uma verdadeira arqueologia da paternidade e nos convida a tomar consciência de sua complexidade. Olhemos ao nosso entorno.

As democracias avançadas conseguem legalizar o homoerotismo dos irmãos socializados e enobrecem a despersonalização dos corpos e das mentes. Ao acompanhar esse movimento, a psicanálise (pelo menos uma que permanece atenta ao escopo revolucionário da descoberta freudiana) é duplamente vigilante quando pertencer à massa e ao impulso gregário aponta para a igualdade para todos. Generosa e ideal a princípio, essa ideologia não corre o risco de banalização e automação da raça humana, versões modernas do totalitarismo?

Eu suponho que a maioria dos homens e mulheres que se juntam ao casamento homossexual, de acordo com as pesquisas, não o façam simplesmente em nome do legalismo igualitário. Eles aderem a ele porque o homoerotismo - assim legalizado e desfeito de qualquer perversão - lhes parece inerente ao laço social, ao seu valor de “igualdade” e ao próprio universalismo. Como se, embora combatida e mesmo desacreditada, a análise freudiana do vínculo social homoerótico ganhasse em profundidade e se instalasse nas consciências. O homoerotismo não me escandaliza, é meu: parece dizer o cidadão pesquisado. Isso não impede que a homofobia de *skinheads* e outros extremistas de todos os tipos, mobilize aqueles que não aceitam seu próprio homoerotismo e desencadeie atos mortais que devem ser analisados e denunciados sem complacência.

Nesse contexto, isso significa que “casamento homossexual/para todos” significa o fracasso do casamento heterossexual? Ele revela, em todo caso, a extraordinária fragilidade e, portanto, seu caráter sedutor, ao mesmo tempo em que o papel central e inevitável da norma continua a incorporar, através da fantasia original da cena primária que persiste, no inconsciente, apesar do desacoplamento entre procriação e sexualidade.

Crise do casal heterossexual? Ou “cena primária” a-social?

Voltemos a essa genitalidade que “rompe o laço de massa” (Freud). E vejamos os desejos que foram expressos para defender o casamento para todos.

Procuramos em vão onde estão os “valores”. E se o casal heterossexual e sua família fossem precisamente o foco, em vez do “valor” (que se destaca como uma preocupação pela solidão, prolongada e transmitida)? A moralidade convencional é banalizada nos nossos programas de TV globalizados, que representam como uma caricatura, nossas fantasias: tubos de ensaio, o congelamento de óvulos, doação de esperma, barrigas de aluguel. Tanto os “tradicionais” quanto os “modernos” sabem que “não é isso”, nunca é isso: nada é feito, de bom para mamãe e papai, legitimando o casamento para todos. E é o legado arcaico da paternidade que se convida ao inconsciente, à sombra dos debates no Parlamento. Com as duas apoteoses deste teatro do imaginário para todos, que são a “cena primária” da genitalidade, e o “rei-criança”, soberano antidepressivo.

Embora evocado por oponentes da lei, o sintoma francês carecia de uma análise, uma defesa e uma ilustração da heterossexualidade. Este último não reside na única diferença anatômica entre o masculino e o feminino. Tampouco a heterossexualidade pode ser invocada como o meio mais seguro e único de transmitir vida ou garantir a memória de gerações. Ela revela a extrema intensidade do erotismo e, portanto, contém uma fragilidade insuportável.

Foi preciso o gênio de Freud para formular o que todos conheciam

intimamente: a procriação que assombra os humanos não é um ato natural, muito menos um ato soberano. Por esse mesmo ato (a não ser que seja esquecido quando se deduz o paterno do outro ato, o do “assassinato do pai”), a diferença sexual se afirma numa cascata de fantasias - focos da psiquização. Quais?

- Uma fragilidade habita a fúria da cena primária, a fantasia original e universal que seria a fusão e confusão entre homem e mulher, a exuberante perda de energias e de identidades, a afinidade da vida com a morte. A heterossexualidade não é apenas uma descontinuidade (“eu sou outro, sozinho na frente do outro”), normalizada pela continuidade (fusão para “dar” vida). A heterossexualidade é uma transgressão de identidades e códigos, que não provém do medo, mas da angústia e do desejo de morte, levados pela promessa de vida através da morte. Suposição fálica, violência e auto-exílio, a dupla heterossexual é como a tauromaquia: uma das belas artes (como na metáfora escrita por Michel Leiris [8]). Mas, no fim das contas, o prazer recompensa a castração, a angústia da morte se eleva no gozo e o anula: tomando forma na provável concepção de um novo ser, estrangeiro e efêmero. Este é o significado da cena primitiva. E de todo o erotismo que recai sobre ela.

- Quaisquer que sejam as variantes da “norma heterossexual” na psicosssexualidade de cada um e quaisquer que sejam as aceitações ou rejeições vis-à-vis dos casais diversamente compostos, ao olhar da “cena primitiva” como fantasia original, que estrutura o inconsciente, inevitavelmente irá conectar a diversidade do erotismo, seja profano ou sagrado, “até o apogeu da procriação”, como explica Georges Bataille [9]. O “princípio processual” da paternidade e/ou parentalidade em si não é, portanto, nem uma abstração nem um arranjo de “substitutos” ou “funções”, mas é encarnado na díade heterossexual de ambos os pais.

- Porque “não há relação sexual” (Lacan) - por medo do feminino que assombra o desejo do pai? -, o casal sexual se perpetua com a ajuda do terceiro: “amores contingentes” (Sartre e Beauvoir); sublimações (trabalho, vocação, compromisso, profissão, jogos, esporte, *hobby*, comunidade,

igreja ...); e no topo, o Criador, a terceira pessoa, maiúsculo e impessoal, eterno e *off-line*, que resume, apoia e perpetua a terceiridade parental e seu significado: duas vezes dois homossexuais em espelhos aguardam o futuro da espécie de Godot, em Beckett. Por outro lado, o casal heterossexual (acreditando ou não) espera gerar um terceiro, e, na falta da eternidade, se pensa na horizontalidade do tempo que passa. Pois a criança renova a cadeia de gerações: ela é o signo (em existência) e o real da transcendência simbólica, tornando-se uma transmissão transgeracional. A paternidade não é apenas uma fábrica de cidadãos mais ou menos superegoicos. Na incrível fantasia da cena primal, a parentalidade constitui a subjetivação como pivô, o eclipse (no gozo) e restauração (no nascimento) do tempo.

- No entanto, quando os valores vacilam, o vínculo social desmorona e a política admite ser incapaz de pensar sobre o tempo, a comunidade triunfante está pronta para abandonar o retorno retrospectivo, e a lúcida análise de suas próprias origens. A reprodução assistida clinicamente e a mãe de aluguel substituem a cena primitiva, a criança-rei tornando-se um antidepressivo soberano, aquele que se deve “ter” para se alcançar o acesso à felicidade (*happiness*) para todos.

- Fragilidade do casal heterossexual, enfim, porque a emancipação das mulheres e suas performances sociais acentuam a bissexualidade psíquica das mães e amantes, e perturbam os homens que sentem com isso o “perigo da homossexualidade” (Colette) – ou talvez seja uma esperança.

Embora mais complexa do que a fábula do “assassinato do pai”, a cena primária envolve dois sexos falantes, cujas pulsões - tornam-se, por força da “recusa” e da “psiquização”, dos desejos de morte - estão sempre inscritas no terceiro da significância: a do tempo e/ou procriação. Os pais não são realmente um PRINCIPIUM, mas sim um INÍCIO, um começo/autoinício renovável como um ato de liberdade (de Platão e Aristóteles a Santo Agostinho, Nietzsche e Heidegger, a filosofia distingue o Principium e o Initium). O “pai” participa dessa organização genital da libido, como INÍCIO e AUTO-INÍCIO dos pais e avós. O paterno é a testemunha (no inconsciente da criança) e o portador (no erotismo do homem) - com e fora

do materno.

Diferentemente da instituição familiar (tributária do homoerotismo), a genitalidade dramatizada pela cena primitiva é a face antissocial da família. Transgressão da desordem sublime e proibida da obscenidade, revelando “o antagonismo entre amor sexual e vínculo de massa”, o acasalamento entre o homem e a mulher quebra a comunidade, “a raça, a divisão em nações e organização em classes sociais e realiza operações culturalmente importantes “[10].

O que é um pai? O que é uma mãe?

Voltemos finalmente ao “paterno”: só ao paterno, se pudermos formulá-lo assim. À luz do homoerotismo e do apogeu da heterossexualidade imperiosa e insustentável, não é a paternidade que se desintegra. É a parentalidade, com a heterossexualidade em nós, que é “a parte problemática” (para parafrasear Georges Bataille novamente): a heterossexualidade é o problema dos problemas, a fundação da terceiridade e, nesse sentido, o problema pessoal e universal por excelência.

Quando a igualdade apaga a diferença entre homens e mulheres, e a falta não existe mais, o impossível e a morte também desaparecem: a fertilidade no laboratório, o aluguel do útero e todo trabalho que ginecologistas e endocrinologistas estão tentando desenvolver neste campo. Nossa capacidade de compreender as proezas da ciência, da tecnologia e da liberdade sem código é ameaçada pela pressão da satisfação ilimitada da pulsão, gratificação imediata e satisfação absoluta.

Assim, entre a genitalidade impensável, por um lado, e a transmissão de códigos sociais (moralidade, educação, formação profissional dos filhos), por outro, apenas o direito da criança - recente refinamento dos direitos humanos e da mulher - parece ter a vocação de enquadrar as tensões e finalizar o princípio da parentalidade. Mas o direito da criança resulta da experiência e filosofia dos pais, desde que eles se importem com o bebê que carregam neles. Missão parental circular e impossível?

Nossa sociedade secularizada é a única civilização que elege um casamento para todos, mas não fala sobre pais. Quando o Comitê Consultivo de Ética distinguiu o que devemos à medicina e o que poderia ser feito à sociedade, teremos que responder a uma pergunta que não é formulada ou pensada, mas ignorada pelo legislador: o que é um pai? O que é uma mãe?

O pai? “Ficção legal” (James Joyce), “centro pivô, fictício e concreto da manutenção da ordem genealógica” (Lacan)? Pai da Lei ou pai amoroso? Função que pode ser endossada pelo companheiro da minha mãe, o educador, o professor... o estado, ao final? Eu não acredito nisso. Ao elucidar as muitas facetas que compõem o surgimento da paternidade em um tempo que nos precede, não nos esqueçamos do corpo masculino, auto, homo e hetero-erótico, que me reconhece e que reconheço, e que, pela força do parricídio, eu me junto, me tornando como ele e diferentemente dele.

O paterno não é o principal (fundador) porque o simbolismo e a genética preexistem a ele. Como o materno, é o começo, o inicial. Contanto que se especifique que este INICIAL é PARENTAL: sempre duplo. É através da desarticulação de seu desejo - além do homoerotismo - que o pai participa da terceiridade social (heteroerótica) do cenário primitivo E da terceirização social (homoerótica) do superego familiar. Por outro lado, é pela confiança que a mãe imprime sua marca. A bissexualidade psíquica ajuda, a parentalidade é desempenhada a quatro: a desarticulação e a dependência do pai - a desarticulação e a confiança da mãe. Para a conjunção de ambas as parentalidades, subentende-se essa “revolução psíquica da matéria” [11], onde a pulsão do ancestral consegue fazer sentido na terceirização da linguagem e do pensamento.

O materno? Estado de emergência da matéria, nem sujeito nem objeto, a gestação é uma Coisa. O desejo da criança e a repressão original, prazeres e provações da paixão materna. Parto, extração, apropriação e auto-rejeição, deste outro em si. Náusea, congelamento, infanticídio. Infinito, encontro infinito com este primeiro outro, o terceiro: criação materno-paterna, heterogênea. Transmissão de palavras como palavras da alma, arte do pensamento, ‘desapego’ e ‘confiança’, que o outro é em si mesmo,

matricídio e liberdade ...

Nem moderno nem tradicional

Não pretendo substituir o paradigma do “assassinato do pai” ou o “cristocentrismo” do “pai morto”, que nos deixaria apenas um nome ou um princípio. Sugiro repensá-lo através do paradigma da “cena primal” e, assim, considerar os impactos da parentalidade na construção das psicosexualidades contemporâneas.

A partir de então, e da bissexualidade psíquica, infinitas são as metamorfoses a partir da “inicial” parental.

O analista freudiano, homem ou mulher, trabalha com uma nova versão do paterno: nenhum animal totêmico, nem Laíós-Édipo, nem Abraão-Isaac, nem Jesus e seu Pai. No amor-ódio da transferência, o pai não é apenas amado e odiado, levado à morte e ressuscitado, mas literalmente atomizado em nossos divãs e, no entanto, incorporado pelo analisando. Como na cena primitiva? Por que não, se alguém pensa na explosão de identidades e normas, onde o acasalamento entre homem e mulher rompe a comunidade e reencontra o apogeu do renascimento e da procriação.

É essa permanente dissolução-recomposição, essa afinidade da vida com a morte, da qual o analista é o fiador, que possibilita o tratamento de vícios, somatizações, criminalidades e outras fronteiras. O tema dessas “novas doenças da alma” [12] aparece a partir de então em sua identidade paradoxal, que não ocorre sem evocar o movimento browniano desses “gotejamentos” de Pollock, rotulado como Um [13].

Onde então está o Um, se o começo/auto-começo é uma propagação? Ainda sou eu, quando analiso ou quando sou analista? Certamente sim, minha identidade existe (“existe um”), mas permanece indeterminável, privada de um centro estacionário e livre de uma repetição mortal. Um pouco como música serial, ou como uma dança improvisada que uma ordem subjacente suporta, no entanto, em aberto. Nem “pai morto” nem “*führer*”, a autoridade não desaparece na cura analítica. Não desaparece

mais em uma sociedade reconstituída e em mudança. Está se espalhando no ajustamento permanente dos dois pais nesta outra cena da fertilidade, em seu recomeço que é traduzido na ação de educar para elevar - para transmitir (para) sua prole.

Em resumo: se continuamos a afirmar que somos analistas freudianos, o reconhecimento da diferença sexual deve ser a pedra de toque de nossa experiência; o “princípio” paterno inscreve-se na inicial da cena primitiva “no auge da procriação”; a terciária estruturante sustenta a unidade do sujeito falante com sua capacidade de linguagem e pensamento; o Um se espalha e se refaz continuamente no “multiverso” pós-moderno (a inseminação artificial é/permanece também uma dessas “disseminações” do Um).

O casamento para todos não será o desejo de uma República dividida em dois, dividida entre “moderno” e “tradicional”: os homossexuais - os recompostos - os PMA, GPA, etc. de um lado; e o nostálgico da norma, do outro. Um verdadeiro casaco de Arlequim é desenhado, os improvisos de alguns sendo emprestados aos modelos dos outros, e vice-versa, interferentes, inovadores, desastrosos e festivos, nos quais aparece a parentalidade singularmente específica. É importante acompanhar cada projeto familiar, adoção, parentesco, atendimento personalizado, caso a caso. Como sempre? Mais do que nunca.

Entre a família bíblica e a família chinesa, cujas perenidades competem pelo destino do milênio, não há outra escolha para a Europa e a América. Sem ceder à tentação de uma política da psicanálise (que seria uma negação de sua deontologia), a psicanálise talvez seja a única capaz de responder a essa urgência: não o desaparecimento, mas a disseminação do Um em singularidades incomensuráveis, das quais os psicanalistas são mais do que testemunhas. Se estivermos convencidos, conseguiremos nos fazer entender.

PARENTALITY METAMORPHOSES

ABSTRACT: The author states that she does not intend to replace the “father’s murder” or “cristocentrism” paradigm of the “dead father”, which would leave us only a name or a principle, but she suggests rethinking it through the paradigm of the “primal scene” and thus consider the impacts of parenting on the construction of contemporary psychosexuality. She says that if we continue to assert that we are Freudian analysts, the recognition of sexual difference must be the touchstone of our experience; the paternal “principle” is inscribed in the initial of the primitive scene “at the height of procreation”; the structuring tertiary supports the unity of the speaking subject with his capacity for language and thought; the One spreads and continually remakes into the postmodern “multiverse”.

KEYWORDS: primal scene, parenting, psychosexuality, psychoanalysis.

METAMORFOSIS DE PARENTALIDAD

RESUMEN: La autora afirma que no pretende sustituir el paradigma del “asesinato del padre” o el “cristocentrismo” del “padre muerto”, que nos dejaría sólo un nombre o un principio, pero sugiere repensarlo a través del paradigma de la “escena primal” y, así, considerar los impactos de la parentalidad en la construcción de las psicosexualidades contemporáneas. Ella relata que si seguimos afirmando que somos analistas freudianos, el reconocimiento de la diferencia sexual debe ser la piedra de toque de nuestra experiencia; el “principio” paterno se inscribe en la inicial de la escena primitiva “en el auge de la procreación”; la terciaria estructurante sostiene la unidad del sujeto hablante con su capacidad de lenguaje y pensamiento; el Uno se extiende y se rehace continuamente en el “multiverso” posmoderno.

PALABRAS-CLAVE: escena primal, parentalidad, psicosexualidad, psicoanálisis.

Referências

- [1] Ferenczi, S. (1914). *L'homéoerotisme, Nosologie de l'homosexualité masculine*, in *Œuvres complètes*, t. 2, Payot, Paris, 1994.
- [2] Freud, S. (1911). *Un cas de paranoïa - le Président Schreber*, OC, vol. X, PUF, 1993, p. 59-60.
- [3] _____ (1921). *Psychologie des masses et analyse du moi*. PUF, 1991, p. 80.
- [4] _____ (1921). *Psychologie des masses et analyse du moi*. PUF, 1991, p. 81
- [5] _____. Ibid., p.81
- [6] *Minutes de la Société psychanalytique de Vienne* (1912). 11 décembre 1912, Gallimard, 1984, p. 162.
- [7] Benveniste, E. (1969). *Vocabulaire des institutions indo-européennes*.
- [8] Leiris, M. (1918). *Miroir de la taumachie*, Fata Morgana.
- [9] Bataille, G. (1957). *L'Érotisme*.
- [10] Freud, S. (1921). *Psychologie des masses et analyse du moi*.
- [11] _____ (1911). « *Deux principes du cours de la vie psychique* ».
- [12] Kristeva, J. (1993). *Les nouvelles maladies, de l'âme*.
- [13] _____ (2013). « La voie lactée de Jackson Pollock », in *Pulsions du temps*, p. 55.